

Japão e a nossa crise

Na sua edição de ontem, o **Asahi Shimbun** publicou uma longa matéria sobre a crise econômica brasileira, assinada pelo seu correspondente no Brasil. Ele começa dizendo que a alta de preços continua assolando indiscriminadamente o País todo, com previsões de 900% de inflação até o fim do ano. O correspondente comenta que a suspensão dos pagamentos dos juros sobre a dívida externa a bancos privados, em vez de trazer a tranquilidade prometida pelo governo, só fez diminuir as esperanças de reconstrução da economia do País. E, ainda, que a crise econômica e o esvaziamento da capacidade de liderança do presidente José Sarney estão provocando inquietação social em toda parte.

A matéria registra que em abril a inflação chegou a 20,96%, "índice que representa um recorde absoluto na história do Brasil", e que o ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, previu daqui para diante uma média mensal em torno de 20% para a inflação brasileira. O correspondente do **Asahi** relata que no dia 2 de junho o presidente Sarney anunciou o início de uma verdadeira guerra contra a inflação, em resposta ao alucinado aumento dos preços em todos os setores no mês de maio, com estimativa de 23,5% de inflação. E cita exemplos: aumentos dos aluguéis, 240%; dos ônibus, 130%; dos telefones, 116%; e do açúcar, 215%. Também não foi esquecido o aumento do metrô anunciado em 18 de maio em São Paulo, sob a alegação de que "enquanto, no último ano e meio o preço dos ônibus aumentou 430% o metrô aumentou só 300%". O correspondente do **Asahi** deu destaque à declaração dos círculos empresariais de São Paulo de que o processo inflacionário no Brasil já assumiu as proporções de uma verdadeira **Aids econômica**. E lembra que, só em maio, houve no Brasil 253 greves reivindicando aumento de salários.

A matéria explica que o fracasso dos planos Cruzado I e II levou o novo ministro da Fazenda a considerar a hipótese de um novo congelamento de preços. Por isso, para não serem apanhados de surpresa, os comerciantes iniciaram por conta própria a remarcação dos seus artigos, e ao mesmo tempo os consumidores começaram a fazer estoques de mercadorias, para não terem de enfrentar prateleiras vazias depois, como já aconteceu no ano passado.

Para agravar a situação, comenta o **Asahi**, cresce a cada dia a desconfiança em relação ao governo Sarney, ainda mais depois da revelação do escândalo em torno da construção da Ferrovia Norte-Sul, considerada pelo presidente como a maior realização do seu mandato. O correspondente do jornal japonês acentua que a ferrovia deveria ligar a capital do Brasil ao Estado natal do presidente, e que o povo não acredita na necessidade de se construir essa estrada tão cara e tão sem sentido num momento de crise como este.

A matéria observa que o anúncio pelo presidente de que vai ficar no Palácio do Planalto até 1990 provocou ainda mais frustração no povo, que esperava eleições diretas para a Presidência em 1988. O correspondente mencionou também a queda brusca no mercado de ações, provocada por boatos de que, ante a reação negativa no povo e a demissão de vários ministros por não concordarem com a construção da Ferrovia Norte-Sul, Sarney iria renunciar ao cargo. O **Asahi** manifesta ainda a apreensão de que, conforme anunciou o ministro da Fazenda, a moratória seja estendida ao nível da dívida externa com os governos, num prenúncio de que as coisas, apesar de tudo, podem piorar ainda mais, sem falar na sangria contínua que sofrem as reservas de moeda estrangeira do Brasil.

Os japoneses que leram essa matéria perguntam se é verdade mesmo que a inflação está em torno de 20% ao mês e pode chegar a 900% ao ano no Brasil. É claro que os de 40 anos ou mais se lembram da situação catastrófica que o Japão enfrentou depois da 2ª Guerra Mundial, mas mesmo assim não conseguem encontrar um termo de comparação. Um deles chegou a observar que "custa a crer que um país tão rico como o Brasil possa chegar a tais níveis de inflação em tempos de paz".

De fato, habituados com uma inflação atual em torno de 2% ao ano, os japoneses não têm condições sequer de imaginar o que seja a situação econômica brasileira hoje. Mas um economista que já foi várias vezes ao Brasil, e conhece bem os recursos do País, se diz otimista, e aponta: "O Brasil só precisa de um bom management — uma boa administração — que trabalhe com seriedade, para aproveitar melhor todos os recursos que o País tem. Parece que isso é mesmo a única coisa que lhe falta".

Vicente Adorno, de Tóquio